

## **Análise dos Discursos e Estereótipos de Gênero por Personagens da Série Animada Gravity Falls<sup>1</sup>**

Giovanni Luigi PIAZZA<sup>2</sup>

William Machado de ANDRADE<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

O presente trabalho apresenta uma breve análise de discurso dos personagens da série animada Gravity Falls (produzida pela *Disney Television Animation*) focando nos primeiros episódios da primeira temporada da série e discorrendo sobre como são apresentados estereótipos de gênero em diálogos e posicionamentos de diferentes personagens no contexto da narrativa. Como resultado são identificadas múltiplas menções a estereótipos tanto masculinos como femininos nos discursos de personagens e episódios em questão, bem como é gerada uma maior compreensão das animações como ferramentas para provocar reflexões e aprendizados relacionados a estereótipos de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** estereótipos de gênero; animação; Gravity Falls.

### **INTRODUÇÃO**

Por meio da análise dos discursos de personagens da série animada Gravity Falls, produzida pela *Disney Television Animation* visando o público infanto-juvenil e transmitida no canal *Disney Channel*<sup>4</sup> (além de disponível no serviço de *streaming Netflix*) é estudado como se apresentam estereótipos de gênero na série - sob a ótica de seus diferentes personagens no contexto da narrativa. Traça-se um paralelo entre os discursos de gênero apresentados pelos personagens com as linhas de pensamento

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Animação da UFSC, e-mail: gio.piazza@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor em Design na UFSC, e-mail: w.andrade@ufsc.br

<sup>4</sup> ASHBY, Emily. Common Sense Media. **Gravity Falls TV review**. Disponível em: <<https://www.common sense media.org/tv-reviews/gravity-falls>>. Acesso em: 13 jun. 2018

---

acerca de gênero e seus estereótipos na atualidade, almejando identificar conflitos nos posicionamentos entre eles e gerar reflexões sobre o assunto.

Com a finalidade de esclarecer e nortear as análises dos discursos de personagens e suas visões de gênero, são trazidas à tona definições e vertentes de pensamento sobre gênero e teorias a respeito, além de, de maneira pontual, apresentar características que compõem estereótipos de gênero (masculino e feminino) na sociedade contemporânea.

Objetivando levar o leitor a compreender como se dá a análise de discurso e a relação deste com os personagens em questão, apresenta-se brevemente o que constitui uma análise de discurso e sua finalidade, bem como qual a relação dos discursos de um personagem com sua identidade e caracterização no contexto de uma narrativa.

Por consequência e contribuição maior deste artigo é visado fornecer ao leitor uma maior compreensão das animações como ferramentas para provocar reflexões e aprendizados em torno de estereótipos de gênero e sua importância na atualidade.

## **O CONCEITO DE GÊNERO**

Historicamente há uma vertente de pensamento onde configura-se que o gênero está diretamente relacionado ao sexo biológico do ser (sendo uma pré-definição natural associada a ele) e em contrapartida existem teorias mais recentes onde é defendida a desassociação do gênero ao sexo (sendo o primeiro relacionado à identidade) conforme defende Butler (1990):

Originalmente com o intuito de rebater a configuração da "biologia-como-destino", a distinção entre sexo e gênero oferece o argumento de que não importa quanta rigidez o sexo aparente ter, o gênero é uma construção social: deste modo, gênero não é um resultado causal do sexo, nem ao mesmo fixado pelo sexo. (BUTLER, 1990, p. 12)

De Jesus (2012, p. 24) define gênero como a "classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres", afirmando ainda que este orienta papéis e expressões de gênero, independente do sexo.

É levantado por Butler (1990) ainda que o conceito de gênero “feminino” ou até mesmo o conceito de “mulher” não parece mais ser uma noção estável - reforçando que

---

o próprio conceito e relação das pessoas com o gênero em si tem se renovado e evoluído nos últimos anos.

De acordo com De Jesus (2012), ainda:

A grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero 'adequado'. (DE JESUS, 2012, p. 8)

## **ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO MASCULINO E FEMININO**

Butler e Weed (2011) apresentam uma associação histórica do termo estereótipo com a tecnologia de reprodução de impressos:

Originalmente, um estereótipo (*stereotype*, em inglês) era uma impressão duplicada em metal de uma forma tipográfica original, utilizada na impressão de um texto ao invés da original. Conotava secundariedade, não-diferenciação e invariabilidade - significados estes que foram deslocados para o uso coloquial do termo, significando previsibilidade, estabilidade, uso em excesso, e um "tipo" sem nuances. (BUTLER e WEED, 2011, p. 223)

De Jesus (2012, p. 28) define estereótipo como uma "imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém" constituindo "o fundamento das crenças e dos preconceitos".

Butler (1990) por sua vez reforça a problemática de um estereótipo ao afirmar que há um "problema político" na suposição de que o termo "mulher" (relacionado ao gênero feminino) denota uma identidade comum - mediante a existência de uma série de diferentes contextos, históricos e outras características com as quais o gênero faz intersecção (como características raciais, de classe social, étnicas, sexuais, regionais, entre outras) e que de fato constituem uma identidade.

Mediante análise de peças humorísticas Moraes (2012) pontua algumas características, atribuições e estereótipos relacionados comumente ao gênero feminino por crenças machistas, como: "cuidar dos filhos", uma preocupação maior com beleza e estética, uma certa "futilidade" da mulher, a mulher como um lugar de "falta" ou fragilidade (necessitando de um auxílio, complemento ou amparo do sexo oposto).

Ainda sobre estereótipos femininos, Butler (1990) afirma que configurou-se historicamente uma inominada indisposição feminina, chamada pela autora de

---

“problema feminino”, e que esse conceito esteve levemente encobrendo a ideia de que ser do gênero feminino em si é uma indisposição natural.

É apresentado também pela análise de Moraes (2012) estereótipos relacionados ao gênero masculino, como a crença de que “os homens não são/estão tão sobrecarregados quanto as mulheres”, o fato de os homens historicamente estarem mais associados à exercer uma profissão externa à casa ao invés de cuidar dos filhos e ainda a crença do homem servir como um protetor da mulher (ou fornecer proteção para ela).

Em um paralelo e análise de literatura infantil dos séculos XVIII e XXI, Canazart e Souza (2017) elencam também estereótipos e relações entre os gêneros feminino e masculino historicamente, ressaltando uma dominação masculina, uma fragilidade da mulher, e uma relação da felicidade feminina como algo depositado no matrimônio e em estar casada com um homem.

Nota-se também que estereótipos de gênero podem se fazer presentes desde períodos infantis e juvenis, conforme observa-se na pesquisa sobre sexismo e estereótipos de gênero de Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011), desenvolvida com 787 estudantes entre 12 e 16 anos:

Os resultados apontaram a persistência de visões estereotipadas e sexistas contra as mulheres, tanto através da hostilidade quanto da benevolência. São variáveis que geralmente se associam à dominação, discriminação, aos preconceitos e à violência, através de agressões físicas e psicológicas contra a mulher, bem como à manutenção de quadro de opressão do gênero feminino. (MESQUITA FILHO, EUFRÁSIO E BATISTA, 2011, p. 564)

Pode-se afirmar ainda que estereótipos dependem de um contexto social, podendo ser específicos de alguma região:

Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. (DE JESUS, 2012, p. 8)

Já acerca da formação e perpetuação destes estereótipos, Moraes (2012) afirma que estereótipos como os apresentados em sua análise não são presentes apenas em peças de humor, mas que os discursos similares que "influenciam os efeitos de sentido sobre a figura feminina [...] também aparecem em outros campos (como a literatura, o

---

cinema, a telenovela)" (MORAES, 2012, p. 280) - onde pode-se constar também as animações e produções audiovisuais seriadas, como a do objeto de estudo deste artigo.

Torna-se possível então o uso dos veículos midiáticos e meios de contar histórias, principalmente os com público o infantil e infanto-juvenil, como ferramentas para quebrar estereótipos e paradigmas, conforme ressaltam Canazart e Souza (2017):

[...] podemos ver a evolução da discussão de gênero na literatura infantil, aspecto socialmente relevante que pode propiciar a derrubada de antigos paradigmas representados em torno da figura feminina. Reforçando por esse meio que a mulher não é criada para assumir os papéis que a sociedade lhe impõe e determina, além disso, que não deve ser submetida à marginalização social apenas pelo pertencimento a um determinado gênero. Ela deve antes ser agente do seu próprio destino. (CANAZART E SOUZA, 2017, p. 19)

## A ANÁLISE DE DISCURSO

De acordo com Orlandi (2009) seres humanos são instados a interpretar, diante de qualquer fato ou objeto simbólico. Afirmar ainda que estão todos sujeitos à linguagem e seus equívocos, não havendo neutralidade no uso dos signos. Fato este que força todos a adentrarem no "simbólico" e comprometerem-se com "sentidos" e o "político", evidenciando assim a relação do discurso com a maneira como uma linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua - sendo impossível utilizar do discurso sem significar e associar o discurso, portanto, a uma ideologia ou significado associado.

A análise de discurso procura "compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história" (ORLANDI, 2009, p. 15). A autora reitera que a análise foca mais em "como esse texto significa?", em contrapartida a "o quê" o texto significa, produzindo conhecimento a partir do próprio texto, de sua materialidade simbólica e significativa. O objetivo da análise, portanto, consiste em:

[...] fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela (a análise do discurso) considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. (ORLANDI, 2009, p. 26)

Vale ressaltar ainda que de acordo com Orlandi (2009) a análise do discurso parte de uma premissa onde não há uma verdade oculta atrás do texto, mas sim gestos

---

de interpretação que o constituem e que o analista deve ser capaz de compreender, afirmando ainda que "o discurso é efeito de sentidos entre locutores" (ORLANDI, 2009, p. 21) o que indica uma participação ativa do interlocutor em analisar e interpretar os gestos de interpretação do discurso para construir o significado.

Diante disso, é utilizada a análise de discurso dos personagens no presente trabalho como forma de pontuar e identificar se e como são apresentados estereótipos de gênero por meio das falas e comportamentos dos personagens na animação, bem como trazer à tona associações e paralelos gerados nos interlocutores mediante as mensagens transmitidas na série, os conceitos de gênero e estereótipos estudados.

## **O DISCURSO E A CARACTERIZAÇÃO DE UM PERSONAGEM**

Brait (1985, p. 52) discorre acerca de personagens em narrativas literárias, afirmando que "a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos".

A autora defende ainda que "os diálogos e os monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de suas criaturas no papel" (BRAIT, 1985, p. 67) apontando a linguagem, discurso e diálogos dos personagens como formas de apresentá-los na narrativa.

Já de acordo com Bastos (2010) no cinema e produção audiovisual é utilizada a fala dos personagens, entre outros recursos narrativos, como forma de caracterização dos personagens por seus criadores e intérpretes:

O poder de caracterização aqui passa pela capacidade do ator de interpretar o personagem, do roteirista para dar-lhe verossimilhança e uma trajetória coerente (mesmo que dentro de sua falsidade e incoerência, quando for o caso), do diretor para orquestrar a narração e de diversos técnicos para criar o ambiente audiovisual que melhor serve à caracterização e às ações dos personagens. (BASTOS, 2010, p. 47)

Estes recursos, ainda de acordo com Bastos (2010), permitem ao audiovisual se apresentar com maior ou menor profundidade a caracterização física, psíquica, social, funcional ou ideológica de um personagem.

Assim, é a partir desta capacidade do meio audiovisual e das falas de personagens da série Gravity Falls que se pautam também as análises de discursos

---

subsequentes, aferindo possíveis posicionamentos ideológicos e visões sociais dos personagens da série neste artigo.

## MÉTODO E ANÁLISES DE DISCURSO

Como metodologia utiliza-se da análise de discurso dos personagens em episódios pontuais da série, bem como análise dos personagens e seu papel na narrativa, conforme discorrido a seguir.

Nota-se ao longo da série, em especial ao longo dos primeiros episódios da primeira temporada, que é frequente a referência a diferenças de gênero e estereótipos de gênero masculino e feminino, como observado em comentários de Mabel, *Manly Dan*, os fantasmas "Pa" e "Ma", Rumble McSkirmish, entre outros - especialmente em situações de confronto, desafios ou disputas entre personagens. Em situações como estas os personagens se utilizam de discursos pautados em características estereotipadas de gênero aparentemente com intenção de provocar, diminuir ou caçoar de outros personagens, ou ainda, pode-se inferir, como tentativas de inserção cômica em determinadas cenas. Diante disso é possível identificar e isolar diferentes pontos deste discurso por seus personagens e amadurecer relações e reflexões que visam ser induzidas, propositalmente ou não, pelos responsáveis da série em seus espectadores.

Personagens como Stan Pines, tio-avô dos protagonistas Mabel e Dipper, em distintos momentos utilizam-se de discursos de gênero de forma comparativa e em alguns casos pode-se dizer até pejorativa, sugerindo em certas ocasiões uma inferioridade do gênero feminino em relação ao gênero masculino, principalmente se tratando de situações envolvendo aptidão física e mensuração de força física, como é notado nos exemplos e análises abaixo.

Para início, observa-se no terceiro episódio da primeira temporada o personagem *Manly Dan* (versão em inglês e também em áudio português) ou "Dan Machão" (versão legendada em português) referenciando o personagem Dipper como uma menininha, ao dizer "Escute aqui, menininha!" quando é questionado por Dipper se o machado que este último estava investigando pertencia ao personagem Dan. Pode-se inferir no personagem *Manly Dan* e em seu discurso algumas características do estereótipo

---

masculino, como sua força física exagerada, excesso de pelos corporais e atitude que pode ser considerada machista (o que torna-se mais visível também conforme os demais pontos de análise apontados abaixo).

No momento em questão *Manly Dan* parece se sentir ofendido por estar sendo investigado por um suposto crime, e pode-se considerar que refuta a acusação usando de um tom agressivo, dando margem para interpretação de que ao chamar Dipper de "menininha" está o fazendo intencionalmente, com alguma finalidade - possivelmente a de inferiorizar, mediante a entonação e perfil do personagem. O personagem *Manly Dan*, na situação em análise, não deixa nem ao menos Dipper corrigi-lo, interrompendo-o quando este tenta dizer que é um menino, e grita para o mesmo sua justificativa para não ter cometido o crime - reiterando em seu discurso palavras como "*manly hand*" na versão em inglês (traduzido como "mão de homem" na versão legendada em português) ao referir-se à própria mão, e afirma que esta não utilizou aquele machado de canhoto, segundos antes de performaticamente destruir uma máquina (chamada "Bicepticus", em referência ao músculo bíceps) com a qual estava disputando força, com o intuito de demonstrar sua virilidade e aptidão física.

No quarto episódio da primeira temporada nota-se em uma cena a personagem Mabel apresentando em seu discurso uma espécie de divisão de atividades conforme o gênero, ao dizer para Dipper "Você nunca quis fazer coisas de menina comigo, você e Soos só querem fazer coisas de menino". Ela é então questionada por Dipper, que aparentemente não entende a afirmação, com um "Como assim?" e no momento seguinte - como uma forma de responder a sua pergunta com uma situação na narrativa - Soos entra no recinto e pergunta se Dipper gostaria de ir com ele explodir salsichas de cachorro-quente no micro-ondas uma por uma. Dipper se entusiasma e ambos saem correndo para fazer suas "coisas de menino" - corroborando na narrativa com a afirmação feita por Mabel.

Pode-se traçar aqui um paralelo entre a afirmação de Mabel e as análises de Moraes (2012), onde atividades como "cuidar dos filhos" e ficar no recinto do lar são dadas como coisas "de mulher" e exercer atividades no exterior ou uma profissão

---

externa ao lar são tidas como atividades do estereótipo masculino - discurso similar ao mencionado por Mabel ao categorizar atividades como "de menino" ou "de menina".

Em outra situação, ao serem presos por fantasmas em uma loja de conveniência no quinto episódio da primeira temporada, Dipper é forçado a fazer uma dança fantasiado de um pequeno carneirinho - o que o deixa bastante envergonhado. Os fantasmas idosos "Pa" e "Ma" reclamam da geração mais nova de crianças e adolescentes da região e pedem que Dipper faça sua dança para que libertem ele e seus amigos. Ao concluir a dança, um dos fantasmas trata a dança de Dipper como "de menininha", em sua fala "*That was some fine girly-dancing, boy!*" (versão áudio em inglês, podendo ser traduzido como "Isso foi uma bela dança de menininha, garoto!") - reforçando a relação do gênero feminino com uma determinada forma de dançar. Na situação em questão a "dança de menininha" e sua fantasia de carneirinho provoca um certo embaraço no personagem Dipper e o deixa envergonhado.

No mesmo episódio, a personagem Wendy posteriormente conta sua versão do ocorrido aos seus amigos, e em seu discurso afirma que os fantasmas "Pa" e "Ma" ficaram assustados e "saíram correndo como se fossem menininhas" (versão áudio em português) - relacionando o ato de fuga com o gênero feminino e com meninas - uma visão que também pode ser considerada estereotipada, remetendo à socialmente constituída "fragilidade" feminina apresentada por Moraes (2012) e Butler (1990).

Já no episódio número seis da primeira temporada, intitulado "*Dipper vs. Manliness*", ocorre uma cena onde Dipper se propõe a vencer um desafio de "Teste de Virilidade" (versão áudio em português, originalmente "*Test your manliness*" em inglês) e com o prêmio pagar as panquecas para seu tio-avô Stan e para Mabel. Na situação em questão ambos caem em gargalhada e caçoam de Dipper, afirmando que ele não é um exemplo de virilidade, mencionando sua ausência de pelos, ausência de músculos, seu cheiro que lembra a fralda de bebês e também uma situação anterior onde Dipper é flagrado cantando uma música chamada *Disco Girl* da banda fictícia "BABBA" - uma provável referência à banda ABBA - "que todas as menininhas cantam" (versão áudio português, do original "*listening to girly Icelandic pop sensation*") conforme discurso de Mabel. Em seu discurso estão comunicando assim características de um estereótipo

---

masculino oposto à Dipper: musculoso, com pelos corporais e uma atitude que não envolve cantar músicas consideradas "de menininha" pela opinião vigente na série. Dipper nega ter cantado aquela música, parecendo envergonhado e tenso em sua expressão facial, afirmando ainda "Qual é, gente, eu sou bem masculino!" (versão áudio em português) e em uma tentativa de mostrar sua masculinidade abre sua camisa e mostra seu peito, indicando que havendo pelos no peito ele seria bem masculino, porém ao abrir não há pelo algum e sua pele é reluzente, refletindo luz - o que gera gargalhadas em Mabel e Tio-avô Stan.

No mesmo episódio, ao tentar realizar o "Teste de Virilidade" visado por Dipper, é apresentado ao espectador uma escala de "Masculinidade", medindo a força que o usuário do teste pode conseguir exercer no mecanismo em questão. A escala apresenta as categorias, em ordem crescente de masculinidade: "menininha" (versão áudio em português, do original *wimp* em inglês, que pode ser traduzido como "covarde"), "mulher de meia idade", "raramente passável", "homem" e "homem másculo". É possível observar aqui um ponto que explicitamente contrapõe um estereótipo masculino e feminino, ao apresentar em um valor inferior na escala uma "mulher de meia idade", relacionada ao gênero feminino, e em um alto valor na escala para "homem másculo", tratando da medição de força física que personagens de um ou outro gênero conseguiriam exercer. Em outro ponto de análise, observa-se também a influência da tradução para o áudio português que reforça o contraposto de gênero ao informar o nível mais inferior da escala como "menininha", associando assim essa ideia a *wimp*, que pode ser traduzido como "covarde" do inglês.

Neste mesmo episódio, Dipper passa por outras provações a partir do momento em que encontra um "Homentauro", espécie de minotauro com mais ênfase na "masculinidade" do que no lado "touro". Dipper precisa então passar por diferentes provas e testes para se tornar mais "másculo", e ao final de tudo sua provação é encontrar o "Multi-urso" e eliminá-lo, a pedido do grupo de "Homentauros" que havia concordado a auxiliar Dipper em sua busca por se tornar mais másculo.

Ao encontrar o "Multi-urso" e combatê-lo, entretanto, Dipper é surpreendido com o pedido do "Multi-urso" de morrer ouvindo sua canção favorita: "*Disco girl*" da

---

banda "BABBA". Dipper comenta que também gosta muito daquela canção e fica bastante feliz por encontrar "alguém que o entende". O "Multi-urso" por sua vez revela a Dipper que "a turma toda" (referindo-se aos "Homentauros") caçoava dele pois ele sabia toda a letra da canção, da qual gostava.

Com o desenrolar da cena Dipper se identifica com o "Multi-urso" e se questiona a razão pela qual tem de matar o "Multi-urso" ou - conforme sua fala - "Nunca será um homem". Percebe que não faz sentido e decide por não eliminar o personagem, desencadeando assim o desfecho do episódio. Dipper retorna então aos "Homentauros" e se rebela quanto a essa necessidade de fazer algo para se provar "homem". Em seu discurso confronta o pensamento vigente entre os personagens, dizendo "Vocês ficam dizendo que ser homem é fazer todas estas tarefas e ser bravo o tempo todo, eu tô achando que esse negócio é bobagem." (versão áudio em português). Diz também que o Multi-urso "é um cara muito legal" e é novamente provocado pelos "Homentauros" a "matar o multi-urso ou nunca ser um homem". Momento este em que Dipper concretiza sua mudança de pensamento sobre precisar provar ser um homem e afirma "Então eu acho que nunca serei um homem", carregando em seu discurso neste momento uma indiferença quanto a essa necessidade de se provar másculo perante aquele grupo de convicções questionáveis para o personagem.

Pode-se relacionar a presença do grupo de "Homentauros", sua relação com Dipper e com o "Multi-urso" com um papel de certa pressão e imposição social que carrega consigo a perpetuação e difusão de estereótipos de gênero, ou ainda a influência no indivíduo em se adequar a certos padrões comportamentais tidos como "normais" - aspectos presentes nos argumentos de Butler (1990) e De Jesus (2012), conforme gêneros e características de gênero são tidos como construções sociais.

Para concluir a mensagem do episódio, em uma conversa com seu tio-avô Stan, Dipper reclama da postura dos "Homentauros" e Stan o reconforta, dizendo "Você é independente. Defendeu a sua opinião." e que "Fez o que achava certo mesmo outras pessoas não concordando com você. O que parece bem másculo para mim, mas como é que eu vou saber?" (versão áudio em português). Esta conversa ao final do episódio pode ser vista como uma forma de conclusão ou "lição", diminuindo o peso das

---

afirmações nos discursos anteriores dos personagens - que generalizam os padrões de másculo e homem - e direcionando o espectador a refletir sobre a importância de se fazer o que é "certo" independente do que irá enquadrar um indivíduo em um grupo, gênero ou conjunto de crenças de um conjunto de pessoas.

No episódio dez da primeira temporada é presenciado um combate físico entre os personagens Dipper e Rumble McSkirmish - um personagem que tem origem em um vídeo game do estilo de combate corpo a corpo, similar ao jogo eletrônico "*Street Fighter*", que é trazido ao mundo "real" da narrativa por Dipper. Antes de iniciar o combate, o personagem Soos solicita a Dipper que "Lute como um homem", deixando a entender que lutar como um homem pode ser visto como lutar bem, ou com valentia, podendo denotar que lutar como uma mulher não seria tão eficaz. Isso é reforçado durante o duelo, quando Rumble McSkirmish caçoa de Dipper após deferir um golpe e apresenta um discurso comparativo de forma pejorativa ao afirmar enfaticamente que Dipper "Luta como uma garota", e continua: "Que também é um bebê!".

No caso citado McSkirmish pode também ser caracterizado conforme diferentes aspectos do estereótipo masculino, contando com uma grande massa muscular, atitude machista e propensão a demonstração de vigor e força física.

Ainda nesse episódio há dois momentos onde é mencionado por personagens uma característica tida como de "garotas", afirmando que estas costumam "Odiar umas às outras em silêncio", diferentemente dos garotos, que costumam ir para o confronto direto. Esse discurso é apresentado primeiramente por Mabel e mais ao final do episódio corroborado por Robbie e Dipper, que decidem interromper seus confrontos e "se odiarem em silêncio" para evitar conflitos com a personagem Wendy, com a qual ambos possuem sentimentos de afeto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber por esta análise que os estereótipos de gênero são de fato apresentados como parte dos discursos de diferentes personagens da série animada Gravity Falls, principalmente nos primeiros episódios da primeira temporada. Discursos estes que cumprem um papel e constituem parte da personalidade e caracterização de

---

tais personagens na série e no enredo da narrativa - trazendo à tona a temática de gênero e dos estereótipos que são absorvidos e até mesmo propagados também em discursos pessoais de indivíduos na sociedade atual.

Ao ouvir diferentes estereótipos e caracterizações muitas vezes pejorativas para algum grupo social sendo apresentados nos discursos, é compreensível provocar no espectador da série um desconforto ou indignação com as visões apresentadas por personagens como tio-avô Stan, Rumble McSkirmish ou *Manly Dan*. O desconforto no espectador pode ser entendido principalmente ao considerar que falas semelhantes às apresentadas pelos personagens podem ser observadas historicamente e até atualmente na sociedade - constituindo crenças e estereótipos ainda vigentes e que podem estar associados ou ter certa relação causal a comportamentos hostis - como aponta pesquisa de Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011) ao aplicar o método *Gender Stereotyping* para identificar a presença de estereótipos de gênero e sexismo (tanto benévolo como hostil) em adolescentes brasileiros.

Absorvendo os discursos em questão espera-se do espectador a capacidade de reflexão e questionamento quanto ao posicionamento de diferentes personagens, conforme sua visão quanto ao tema e interpretação pessoal dos discursos. Reflexões estas que muitas vezes têm seu desfecho apresentado ou induzido nos próprios episódios em questão, como no caso de “*Dipper vs. Manliness*” - mas que em outros episódios ficam também mais em aberto e sujeitas ao entendimento do espectador da série.

Os discursos dos personagens e estereótipos aqui analisados pontualmente ressaltam um potencial poder da animação e da construção de personagens, maior do que simplesmente entreter e proporcionar momentos de alegria. De fato, a animação constitui um canal para trazer à tona diferentes reações e sentimentos aos espectadores sob os temas apresentados e, com isso, proporcionar reflexões e questionamentos sobre suas crenças e visões de mundo na vida real.

Apesar de Hirsch (2018), criador da série *Gravity Falls*, defender diante de um questionamento de fãs que o próprio autor é o público-alvo da animação (declaração feita pelo autor em seu perfil pessoal na rede social *Twitter*<sup>5</sup>) a adesão do público infantil

---

<sup>5</sup> HIRSCH, Alex. **Alex Hirsch on Twitter**. Disponível em:  
<[https://twitter.com/\\_alexhirsch/status/573733801576173568](https://twitter.com/_alexhirsch/status/573733801576173568)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

---

para a série é inevitável. O portal *Common Sense Media*<sup>6</sup> (plataforma web sem fins lucrativos que provê informação, *reviews* e indicação etária de conteúdos visuais e textuais por seus usuários) recomenda a série para crianças acima de 8 anos de idade. Observa-se assim a grande responsabilidade da animação em lidar com cautela com o tema de gênero e com a perpetuação ou não de estereótipos de gênero, tratando principalmente do público infanto-juvenil que conforme pesquisa de Mesquita Filho, Eufrásio e Batista (2011) já apresentam visões contendo estereótipos de gênero.

Reitera-se a responsabilidade e o potencial da produção de conteúdo audiovisual e de entretenimento com questões de gênero e quebra de estereótipos:

Os conteúdos de entretenimento também desempenham papel importante nessa inversão de padrões. Histórias que modifiquem os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres — como contos de princesas subordinadas apenas à aspiração de encontrar um príncipe — e as coloquem em posição de liderança, como heroínas ou pesquisadoras, ganham uma posição central na evolução das questões de gênero. (FERREIRA, 2018)

Por fim, ressalta-se também o papel do protagonista da série, Dipper, em quebrar com as crenças e estereótipos de certa forma impostas socialmente sob seu personagem em sua busca por "virilidade" e "masculinidade", servindo também como uma forma de incentivo e reforço positivo aos espectadores para não se deixarem influenciar por estereótipos e pressões de grupo, buscando fazer o que é certo independentemente.

Como trabalhos futuros sugere-se a realização de pesquisa e análise de reações de espectadores ao ouvirem e assistirem aos episódios e discursos de gênero sendo apresentados pelos personagens, com o propósito de aferir se o impacto dos discursos gera reações positivas ou negativas e se contribuem para perpetuar estereótipos de gênero ou para desconstruí-los a partir das reflexões geradas no espectador da série.

## REFERÊNCIAS

ASHBY, Emily. *Common Sense Media. Gravity Falls TV review*. Disponível em: <<https://www.commonensemedia.org/tv-reviews/gravity-falls>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

BASTOS, Roberta Nichele. **CINEMA DE PERSONAGEM**: a construção de personagem no cinema de Woody Allen. 2010. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social -

---

<sup>6</sup> ASHBY, Emily. *Common Sense Media. Gravity Falls TV review*. Disponível em: <<https://www.commonensemedia.org/tv-reviews/gravity-falls>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

---

Habilitação em Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Ufrgs, Porto Alegre, 2010.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Editora Ática S.a., 1985.

BUTLER, Judith P. **Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity**. Nova Iorque: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith; WEED, Elizabeth. **THE QUESTION OF GENDER: Joan W. Scott's Critical Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

CANAZART, Karine Camilo; SOUZA, Oziel de. **Estereótipos de gênero: uma comparação da representação da mulher nos clássicos da Literatura Infantil do século XVIII com a configuração feminina em obras infantis do século XXI**. In: CONGRESSO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA, INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2017, Belo Horizonte. Anais... . Belo Horizonte: Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, 2017. p. 713 - 728.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2a ed. Brasília, 2012. Disponível em <[diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-ETERMOS.pdf](http://diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-ETERMOS.pdf)>. Acesso em 13 jun. 2018.

FERREIRA, Paula. Estereótipos de gênero influenciam educação de meninas, diz pesquisa: Pesquisa mostra que a relação das estudantes com disciplinas de exatas é afetada por padrões sociais. 2018. **O GLOBO**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/estereotipos-de-genero-influenciam-educacao-de-meninas-diz-pesquisa-22473965>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

HIRSCH, Alex. **Alex Hirsch on Twitter**. Disponível em: <[https://twitter.com/\\_alexhirsch/status/573733801576173568](https://twitter.com/_alexhirsch/status/573733801576173568)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRASIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. **Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos**. Saude soc., São Paulo, v. 20, n. 3, p. 554-567, Sept. 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n3/03.pdf>>. Acesso em 13 Jun. 2018.

MORAES, E. **Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena**. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 259-285. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.